

Juventudes e experiências de gênero: um olhar para duas jovens do centro-oeste.

Maria Clara Silva Santos¹

Ana Luiza Cotrim Sobrosa Machado²

Maria Zenaide Alves³

A contemporaneidade se caracteriza por mudanças profundas nos modos e espaços de socialização. É nesse contexto que as questões de gênero e de sexualidade vem sendo ressignificadas, com os indivíduos questionando os modos de ser e estar no mundo e permitindo a ascensão do debate político e teórico a respeito de normas historicamente estabelecidas (Costa e Ianni, 2018). Compreendemos gênero como um sistema histórico e socialmente construído, que extrapola as diferenças entre os sexos (Louro, 1997). Neste sentido, entendemos que as desigualdades de gênero socialmente produzidas, de acordo com contextos histórico e sócio-culturais nos quais os indivíduos estão inseridos (Chacham e Jayme, 2016). Ademais, sabemos da necessidade de considerar as intersecções de raça, classe, etnicidade e também de orientação sexual, sobretudo no período da juventude que não pode ser compreendido apenas como uma fase da vida, um período transitório, mas como uma condição social, com características específicas que se manifestam de diferentes maneiras, de acordo com os valores culturais, históricos e sociais da época (Abramo e León, 2005). Com isso, as relações sociais são marcadas por violências, uma vez que a sociedade marginaliza o que foge do parâmetro de normatividade. Outra questão é o padrão da heteronormatividade, que proporciona a estigmatização e a segregação daquelas e daqueles que fogem desse parâmetro, como a comunidade LGBTQIAPN+, por meio de crenças e costumes respaldados pelo cristianismo (Petry e Meyer, 2010). Objetivou-se compreender a influência dos padrões heteronormativos nas questões de gênero e na sexualidade da juventude contemporânea. Trata-se de um estudo exploratório, de cunho qualitativo, que contou com a participação de duas mulheres, Gal e Bethânia, com mais de 18 anos, moradoras da região centro-oeste do país. As jovens se identificam como heterossexual e bissexual, e uma delas vivenciava a experiência da maternidade. Os dados foram obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas e audiogravadas, analisadas à luz de autores que abordam temas da juventudes, gênero e sexualidade. A partir das entrevistas, construiu-se as seguintes categorias de análise: educação sexual no contexto escolar e familiar, métodos contraceptivos e relações afetivas. Sobre a educação sexual, as duas jovens apontaram alguns desafios com os pais para falarem de assuntos relacionados ao tema, em decorrência dos tabus e dos preconceitos. A temática foi abordada nas vivências de Gal e Bethânia, de maneira distinta, já que Bethânia relatou que durante sua criação, os assuntos como sexualidade e gênero foram tratados sem tabus. Em contrapartida, no discurso de Gal foi possível identificar que sexualidade e educação sexual não foram assuntos abordados no meio familiar, ficando evidente que a falta de diálogo sobre educação sexual de Gal advém da religiosidade de seus pais, ambos católicos, o que dificultou seu conhecimento sobre si e sobre as singularidades da sua sexualidade, por ser uma mulher bissexual (Gonçalves e Malafaia, 2013). Assim, o contato que teve com algo relacionado a essa educação foi durante sua vida escolar. Quando questionada sobre sua primeira relação sexual, Gal trouxe a mesma perspectiva de Bethânia, ambas utilizaram a camisinha masculina em sua primeira relação sexual, mas não conversaram sobre contracepção com seus parceiros. Quando questionadas

¹Graduanda do curso de Psicologia, pela Universidade Federal de CATalão, UFCAT, Goiás, Brasil. E-mail: maria.clara@discente.ufcat.edu.br

²Graduanda do curso de Psicologia, pela Universidade Federal de Catalão, UFCAT, Goiás, Brasil. E-mail: ana.machado@discentes.ufcat.edu.br

³Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Catalão, UFCAT, Goiás, Brasil. E-mail: zenpiaui@ufcat.edu.br

acerca de seus conhecimentos sobre métodos contraceptivos, Bethânia e Gal expuseram alguns que conheciam, mas ambas tiveram contato com o preservativo feminino apenas em ambientes educacionais. Isto deixa evidente que o preservativo feminino não é amplamente divulgado e distribuído como o masculino (Gomes, et al., 2011). Já Bethânia, enfrenta as dificuldades de ser uma universitária gestante e, quando questionada sobre suas concepções a respeito do papel de homens e mulheres em diferentes esferas da vida social, diz que já que cresceu em um lar no qual seu padrasto era responsável pelas atividades domésticas e sua mãe a responsável pelo sustento da casa. Esta jovem enfatizou ainda que em seu relacionamento atual, ela e seu namorado possuem dupla jornada de trabalho. Sobre a influência da desigualdade de gênero na maneira que expressa sua sexualidade e identidade, ela disse que crenças alheias limitam-na e que por estar gestante algumas pessoas passaram a enxergá-la como alguém frágil e que demanda cuidados, por isso, a aconselharam a parar de trabalhar. Contudo, Bethânia enfatizou que isso não era algo que faria e que queria estar presente na vida de sua filha, mas não em forma de abdicação de seu trabalho ou de seus estudos, indubitavelmente, evidenciando a mudança de valores e comportamentos de muitas mulheres na contemporaneidade (Padilha e Palma, 2017). Em suma, identificou-se que o padrão heteronormativo e de gênero atravessou a vivência dessas jovens no âmbito da sexualidade, a partir de crenças conservadoras, impedindo uma educação sexual diversa e completa.

Palavras-chave: Gênero; Juventudes; Sexualidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena; LEÓN, Oscar D. Introdução. In: Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais. FREITAS, Maria V. (org). **Ação Educativa. São Paulo**. 2005.

CHACHAM, Alessandra Sampaio; JAYME, Juliana Gonzaga. Violência de gênero, desigualdade social e sexualidade. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 16, n. 1, 2016. Disponível em 10.15448/1984-7289.2016.1.21760 Acesso em 5 fev. 2024

COSTA, Maria Izabel Sanches; IANNI, Aurea Maria Zöllner. Individualização, cidadania e inclusão na sociedade contemporânea. **São Bernardo do Campo: EdUFABC**, 2018.

GOMES, Vera Lúcia de Oliveira et al. Percepções de casais heterossexuais acerca do uso da camisinha feminina. **Escola Anna Nery**, v. 15, p. 22-30, 2011. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1414-81452011000100004> Acesso em 3 de fev 2024

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, p. 251-263, 2013. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481548607021> Acesso em 3 fev. 2024

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 1997.

PADILHA, Vitória Braga; PALMA, Yáskara Arrial. Vivências não-binárias na contemporaneidade: um rompimento com o binarismo de gênero. **Seminário**

Internacional Fazendo Gênero, v. 11, 2017. Disponível em wwc2017.eventos.dype.com.br Acesso em 4 jun 2024

PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dagmar Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 10, n. 1, p. 193-198, 2011. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/7375> Acesso em 2 fev. 2024